

OS MANUSCRITOS DE 1844 E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS DIFICULDADES TÉCNICAS E METODOLÓGICAS AO LER MARX

Eixo: O espírito e a letra da obra de Marx

Edilvan Moraes Luna¹
Joana Bezerra Ricarte²

Resumo

Ler Karl Marx não é tarefa fácil. Essa simples contestação, entretanto, passa despercebida por muitos leitores de Marx, que, diante de uma leitura superficial, desconexa de toda complexidade que gira em torno de seu pensamento, tiram conclusões erradas e que são responsáveis pelas visões distorcidas do pensamento marxiano. É nesse contexto, que o presente artigo se propõe a estudar algumas observações sobre os cuidados em estudar este pensador célebre, principalmente no que concerne aos aspectos técnicos e metodológicos que envolvem sua obra. Diante do imenso número de obras escritas pelo autor, o presente trabalho, a título de exemplo da complexidade que é ler Marx, se limitou a observar os Manuscritos Econômicos Filosóficos de 1844, que, mesmo compondo notas de estudos do autor, portanto, não sendo uma obra para publicação direta, guarda em si dificuldades técnicas-metodológicas de se compreender o pensamento marxiano.

Palavras-chave: Alienação. Linguagem. Mészáros.

Abstract

Read Karl Marx is no easy task. This simple challenge, however, goes unnoticed by many readers of Marx, which, on a superficial, disjointed reading all that revolves around the complexity of his thought, and draw erroneous conclusions that are responsible for distorted views of Marxian thought. In this context, the present article proposes to study some observations about care in studying this celebrated thinker, especially with regard to technical and methodological aspects involved in his work. Given the immense number of works written by the author, this work, as an example of the complexity that is read Marx, merely observe the Economic and Philosophical Manuscripts of 1844, that even writing notes study author, therefore not a work for direct publication guard itself technical and methodological difficulties of understanding the Marxian thought.

Keywords: Alienation. Language. Mészáros.

INTRODUÇÃO

A partir de meados do século XX e início do século XXI, observa-se nas ciências sociais certa rejeição às análises macrossociais em favorecimento dos aspectos micros. Tem-

¹ Graduado em ciências econômicas e Graduando em ciências sociais pela Universidade Regional do Cariri – URCA.

² Graduando em ciências sociais pela Universidade Regional do Cariri – URCA.

se uma rejeição a noção de compreensão da história em sua totalidade, na historicidade que faz da realidade uma multiplicidade de elementos que se unem em um corpo vivo, autônomo. Em outras palavras, nega-se a dialética da vida social, sua historicidade, em favor de análises particulares, desconexas da totalidade social, verdadeiras análises fotográficas da dinâmica social. Nesse sentido, os pensadores que defendem uma visão dialética, holística, histórica da sociedade se veem na mira da crítica, que pretendendo conhecer os autores a que criticam, se lançam na precipitação em querer refutá-los.

Dentre os autores mais criticados da história do pensamento humano se encontra Marx. São inúmeras as críticas feitas aos seus escritos, cada crítica abordando um aspecto de seu pensamento. Ataca-se a dialética, o materialismo histórico, a perspectiva revolucionária, a teoria do valor-trabalho, dentre várias outras concepções suas. Críticas que vão desde uma pretensa “desatualização do seu pensamento” à supostas incoerências e erros lógicos cometidos pelo autor.

Porém, antes de se “comprar” a crítica, para assim “consumi-la e reproduzi-la”, o leitor deve ter em mente a compreensão do objeto que está sendo criticado. Só assim, um leitor poderá estar de fato ciente da credibilidade que determinada crítica possui. Em outras palavras, não é preciso ser Marx para entender Marx, mas é preciso lê-lo e fazer prova que o compreendeu, para assim mirar as armas da crítica contra seu sistema teórico. O que é óbvio, mas que em tempos onde pesquisadores são avaliados pelo critério da produtividade e no qual o tempo de estudo fica cada vez mais reduzido diante do leque de informações que surgem a cada instante, se dedicar a entender pensadores complexos como Marx pode ser uma tarefa desnecessária, uma perda de tempo.

Diante da tese de que a crítica marxiana deve ser acompanhada da compreensão profunda, para não dizer detalhada, dos escritos de Marx, o presente trabalho se propõe a apresentar algumas observações acerca do trabalho marxiano, de preferência um escrito de juventude em particular, os Manuscritos Econômicos Filosóficos de 1844, apontando algumas dificuldades em sua compreensão.

As observações a serem feitas sobre as dificuldades em se entender Marx se baseiam nas observações feitas por István Mészáros em seu livro *A Teoria da Alienação em Marx*. Neste livro, o autor húngaro dedica-se a apresentar a teoria da alienação de Marx, focando uma das principais obras marxianas, os Manuscritos Econômicos Filosóficos de 1844 (ou Manuscritos de Paris, como também são conhecidos). Neste trabalho, o autor apresenta, na introdução, as principais dificuldades em se ler os Manuscritos, que são: 1) O caráter fragmentário da Obra em questão; 2) Linguagem e terminologia; 3) Complexidade do

conceito-chave da obra, que é a questão da alienação; 4) A estrutura dos Manuscritos de Paris (MÉSZÁROS, 2006). Além disso, procuraremos expor o aspecto que faz da obra marxiana uma obra singular, singular não pelo fato da tarefa realizada em si, mas como esta tarefa foi realizada.

Espera-se que ao expor os quatro pontos expostos por Mézáros estejam-se contribuindo para o melhor entendimento dos trabalhos marxianos, afastando-se compreensões errôneas que giram em torno de seu pensamento e que como procuraremos apontar aqui, de forma breve, emana de um estudo limitado do pensamento do autor. Nas páginas a seguir, faremos uma breve apresentação das reflexões do “Jovem Marx”, importantes para se entender os Manuscritos de 1844, para que adiante possamos apresentar as observações feitas por Mézáros. Vale ressaltar, que a breve apresentação feita deve ser tomada como um leve esboço dos escritos de Marx de sua juventude, textos estes considerados “enigmaticamente claros”, como diz Mézáros (2006), e, portanto, que demandam bastante atenção para que não, por descuido, venhamos a ficar apenas no lado enigmático destes textos.

O JOVEM MARX E A SÍNTESE DE SEU PENSAR

Karl Heinrich Marx foi um pensador polêmico, cujo pensamento atravessou um século, gerando repercussões profundas em várias esferas de ação humana. Diferente de pensadores que acaloram as discussões nos centros universitários, as ideias de Marx, só ou acompanhado de seu amigo Friedrich Engels, vão muito além dos muros das universidades, se manifestando na ação prática, político-econômica, revolucionária, enfim, radical³.

Sua radicalidade emerge da tentativa de compreender o que foi seu objeto de estudo por toda sua vida: a sociedade civil burguesa. Envolvido desde cedo em assuntos e contendas políticos, sua formação acadêmica não era o bastante para compreender a sociedade em que vivia e que era chamado a opinar na Gazeta Renana.

Durante sua lua de mel em Kreuznach, em 1843, Marx procurou em Hegel e em seu Princípio da Filosofia do Direito o instrumento teórico necessário para compreender a sociedade civil alemã. A leitura da Filosofia do Direito era necessária para Marx por esse considerar a visão hegeliana do Estado e da sociedade civil, até então, a compreensão mais

³ Ser Radical, para Marx, deve ser compreendido da seguinte forma: “A arma da crítica não pode, é claro, substituir a crítica da arma, o poder material tem de ser derrubado pelo poder material, mas a teoria também se torna força material quando se apodera das massas. A teoria é capaz de se apoderar das massas tão logo demonstra *ad hominem*, e demonstra *ad hominem* tão logo se torna radical. Ser radical é agarrar a coisa pela raiz. Mas a raiz, para o homem, é o próprio homem.” (Crítica da Filosofia do Direito de Hegel – Introdução)

avançada da época (FREDERICO, 2009). A leitura de Hegel resultou em um caderno de anotações nos qual Marx transcrevia parágrafos da obra e comentava em seguida. Esse trabalho resultou na Crítica da filosofia do direito de Hegel. Nessa obra, de certo ponto complexa, por ser inspirada em uma obra de Maturidade de Hegel, Marx se contrapõe a visão hegeliana em que coloca a família e a sociedade civil como etapas de um movimento dialético que culmina na superioridade do Estado racional. De forma breve (o que é perigoso, já que como alertava o filósofo, “na filosofia não há atalho”) Para Hegel, a família representa, na tríade dialética, o momento “em si” que se aliena na sociedade civil – momento “ser outro” ou momento “fora de si” – para se reconciliar no Estado, que constitui o retorno a si, o “ser em si e para si”. Além do mais, no Estado:

[...] a substância ética vem a ser efetiva, pois é na vida pública que os indivíduos atingem um grau elevado de consciência suficiente para despertar neles não apenas o dever de, mas principalmente o querer agir pelo bem comum. O Estado como vontade substancial (isto é, como vontade racional) indica a plena adequação entre subjetividade e a universalidade através da concretização da liberdade (LEIVAS, 2002, p. 155)

Como o Estado é a encarnação da Ideia e, portanto, sujeito, a sociedade civil se apresenta como predicado. Marx, por outro lado, não observava a família e, principalmente, a sociedade civil como predicados do Estado. Ele é altamente crítico nesse ponto em que há a priorização da Ideia em detrimento do concreto no pensamento hegeliano. Na Crítica da Filosofia do Direito, Marx observa (2010, p. 30-31) que:

“a ideia real, o espírito, que se divide ele mesmo nas duas esferas ideais de seu conceito, a família e a sociedade civil, como em sua finitude” (portanto: a divisão do estado em família e sociedade civil é ideal, isto é, necessária, pertence à essência do Estado; família e sociedade civil são partes reais do Estado, existências espirituais reais da vontade; elas são modos de existência do Estado; família e sociedade civil se fazem, a si mesmas, estado. elas são a força motriz. segundo Hegel, ao contrário, elas são produzidas pela ideia real. Não é seu próprio curso de vida que as une ao Estado, mas é o curso de vida da Ideia que as discerniu de si; e, com efeito, elas são a finitude dessa Ideia; elas devem a sua existência a um outro espírito que não é o delas próprio; elas são determinações postas por um terceiro, não autodeterminações; por isso, são também determinadas como “finitude”, como a finitude própria da “Ideia real”. A finalidade de sua existência não é essa existência mesma, mas a ideia segrega de si esses pressupostos “para ser, a partir da idealidade delas, espírito real e infinito para si”, quer dizer, o Estado político não pode ser sem a base natural da família e a base artificial da sociedade civil; elas são, para ele, *conditio sine qua non*. Mas a condição torna-se o condicionado, o determinante torna-se o determinado, o produtor é posto como o produto de seu produto[...]

Na Crítica da Filosofia do Direito de Hegel, a influência feuerbachiana é marcante. O instrumental crítico, de cariz materialista, desenvolvido por Feuerbach para a crítica da filosofia hegeliana com sua primazia a Ideia, será apropriado por Marx para a crítica da política. Como salientou Frederico (2009, p. 80):

O esquema crítico feuerbachiano, nascido para interpretar um “sonho” – a religião como expressão da alienação do ser-genérico –, é assim transposto diretamente para a crítica da política. O próprio Feuerbach, [...] não ousou ir tão longe, não conferiu às suas ideias uma tal dimensão. Essa prudência, entretanto, em nada inibiu Marx. Convicto de que a crítica da Religião já se concluía, voltou-se para a crítica da política, brandindo contra Hegel o núcleo das ideias filosóficas de Feuerbach.

Essa aproximação com o materialismo de Feuerbach nos escritos de juventude de Marx⁴ mostra o empenho do jovem filósofo em compreender a sociedade em que vivia. Com Feuerbach, Marx pode dar os passos iniciais para romper com a pura “especulação filosófica”. Embora Feuerbach parta do homem para chegar à constituição da ideia, como fica exposto na seguinte passagem de seu Manifesto filosófico, onde expressa a necessidade de se inverter o pensamento hegeliano: “o caminho seguido até aqui pela filosofia especulativa, do abstrato ao concreto, do ideal ao real, é um caminho invertido. Nesse caminho nunca se chega à realidade verdadeira e objetiva, mas somente à realização de suas próprias abstrações (...)” (FEUERBACH, 1973, p. 18 *apud* FREDERICO, 2009, p. 28); o pensamento feuerbachiano ainda mantém uma distância da realidade prática que não é aceita por Marx. Ele irá além de Feuerbach e seu antropologismo, avançando no campo da luta política e revolucionária, tendo o trabalho como categoria ontológica fundante do ser social e o proletário como sujeito revolucionário cuja supressão da sua exploração demanda a supressão da sociedade de classes⁵.

Esse salto significativo no pensamento de Marx só foi possível graças ao conhecimento da Economia Política e sua crítica à mesma, o que o munuiu com mais instrumental teórico-prático capaz de enfatizar o papel do homem como sujeito da história (ao lado do materialismo feuerbachiano). Por meio da crítica a economia política, Marx vislumbra

⁴ O Manuscrito de 1844 transpõe fortemente o materialismo feuerbachiano.

⁵ O papel do proletariado evolui no pensamento de Marx. se na *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel – Introdução*, de 1843, se encontra um proletário passivo, coração de um corpo cuja cabeça é a filosofia. Já no artigo *Glosas críticas marginais ao artigo “O rei da Prússia e a reforma social”, de um prussiano*, encontra-se referência a um “povo filosófico”, onde o povo e a filosofia não são mais duas categorias separadas, mas uma penetrando na outra.

o homem na sua ação prática fundamental: o trabalho. Por meio deste, o homem é capaz de manter sua vida, no sentido premente de satisfação de necessidades biológicas. Como deixa claro em sua obra maior *O Capital*, Marx assim se refere ao sentido do trabalho:

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla sua troca material com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. (Marx, 1983: 149).

O caminho percorrido para a consolidação do pensamento marxiano não foi calmo e fácil. Ao contrário, foi marcado por aproximações e rupturas teóricas que culminaram na originalidade do pensamento marxiano. Antes de consolidar sua crítica com sua obra maior – *O Capital* –, nos seus escritos de juventude já se observavam a tentativa de desenvolver uma teoria não desvinculada da prática, ou, de forma mais clara, uma teoria que encontrasse na prática e nos sujeitos práticos a conciliação capaz de gerar as mudanças necessárias no sentido da radicalidade precisa para a emancipação efetiva do homem.

Os Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844 (Manuscritos de 1844 ou também Manuscritos de Paris, como ficaram conhecidos) representa um marco nos escritos de juventude de Marx, principalmente, pelo fato que entre a crítica veemente feita aos economistas políticos ingleses se encontra sua tentativa de justificar a ontologia do ser social a partir do trabalho, além de apontar como se encontra o indivíduo, o operário, diante do trabalho. Será nos Manuscritos de 1844 que Marx se deterá na crítica aos economistas ingleses, fará observações sobre categorias fundamentais como salário, lucro, renda da terra, dinheiro e no qual se encontrará páginas valiosas sobre o conceito de alienação. Como não nos cabe aqui um estudo pormenorizado das ideias presentes nos manuscritos, nos limitaremos, nas páginas a seguir, a traçar apenas algumas observações a serem feitas sobre o cuidado em ler esta obra. Pela riqueza de teses presentes nos manuscritos de 1844, uma leitura atenta da obra é fundamental para sua melhor compreensão.

CUIDADOS AO LER OS MANUSCRITOS DE 1844

Diante da relevância dos Manuscritos de 1844, se faz necessário ter conhecimento de algumas dificuldades de caráter “técnico” e metodológico que podem vir a dificultar o entendimento da obra, incorrendo, o leitor, em uma compreensão errada do sentido do

pensamento marxiano. Neste ponto do trabalho, é importante ressaltarmos as observações feitas por um dos grandes intelectuais estudiosos do marxismo, István Mészáros, aluno de Georg Lukács e autor de grandes obras, entre elas *A teoria da alienação em Marx* e *Para Além do Capital*. Entretanto, as observações que serão abordadas a seguir constam no Livro *A Teoria da Alienação em Marx*, no qual o autor estuda detalhadamente a teoria da alienação contida nos Manuscritos de 1844.

Começemos pelas observações metodológicas. O que faz da obra de Marx peculiar não consiste na imensa obra que o autor nos legou, mas sim pela forma em que ele desempenhou a tarefa que culminou no seu vasto legado teórico. Marx se propôs a estudar a sociedade civil burguesa para além da sua manifestação mais aparente, tentando captar a essência do modo de reprodução social capitalista. Tamanha tarefa demandava do autor aquilo que Octavio Ianni (2011) considera como a dupla crítica: a crítica ao objeto e a crítica às concepções ideológicas que envolvem o objeto, isso porque “os objetos não são inocentes. Os objetos não estão soltos no espaço como se eles tivessem saído do nada. Na verdade eles já estão carregados de significado. Então, a crítica precisa passar pela ideologia, que, por assim dizer, recobre o objeto” (IANNI, 2011, p. 401-402).

Contudo, para esta tarefa crítica, não se pode esperar encontrar em Marx um método nos moldes que estamos acostumados a compreender essa palavra, em termos de “uma arrumação operativa, a priori, da subjetividade, consubstanciada por um conjunto normativo de procedimentos, ditos científicos, com os quais o investigador deve levar a cabo seu trabalho [...]” (CHASIN, 2009, p. 89). Imaginar ter uma “maleta” com ferramentas que permitam ler e entender o objeto já pressupõe conhecimento do objeto, o que não é verdade para quem está a dar os primeiros passos em direção de retirar o véu ideológico que o cobre. Além de que a dinâmica das categorias sociais é histórica, de forma que podem ser mutáveis no tempo e, portanto, qualquer pretensão de se ter um aparato metodológico que esteja apto a, em qualquer tempo, ler a realidade social, no mínimo desconsidera a complexidade, historicidade, mutabilidade da dinâmica social.

Sendo assim, não existe um caminho, uma forma de proceder que permita chegar ao objeto? Não um método na forma exposta por Chasin (2009). Porém se mantermos em mente o compromisso que Marx tinha em compreender a sociedade civil burguesa⁶, encontramos

⁶ Pode-se afirmar que o interesse de Marx em vê uma revolução tenha envolvido seus estudos de forma que toda sua argumentação é trabalhada para justificar seus interesses revolucionários. O filósofo alemão não era ingênuo e sabia que para ter uma revolução era necessário compreender a dinâmica daquilo que se pretende mudar. Ou seja, o compromisso revolucionário demanda um compromisso com a compreensão da realidade. Lembremos da frase célebre de Lênin: “*Sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário*”.

então um modo de se alcançar o objeto de análise que é um constante construir/desconstruir que a cada ação de construção/desconstrução eleva-se a análise a níveis qualitativos superiores. Em outras palavras, uma dialética materialista, que procura compreender o processo lógico de desenvolvimento do objeto e de suas categorias, mas que diferente de Hegel, não se limita a compreensão especulativa da realidade como movimento do espírito. Ao contrário, procura-se na própria dinâmica social, na forma em que os indivíduos reproduzem materialmente sua existência a lógica que não apenas cria a sociedade capitalista, mas a legitima (nível ideológico, do discurso) também. Essa dialética estará presente, embora em menor e maior escala, em todo seu sistema teórico, desde os escritos iniciais a suas obras mais maduras.

E o que dizer sobre os aspectos técnicos da leitura de Marx. Sobre esse aspecto, sigamos com as observações de um pensador marxista de grande notoriedade, o filósofo húngaro István Mészáros. Logo na Introdução da obra *A Teoria da Alienação em Marx*, Mészáros faz quatro observações acerca dos Manuscritos que são de fundamentais para que o leitor tenha consciência e não se deixe enganar por questões “técnicas”. As observações são sobre: 1) O caráter fragmentário da Obra em questão; 2) Linguagem e terminologia; 3) Complexidade do conceito-chave da obra, que é a questão da alienação; 4) A estrutura dos Manuscritos de 1844 (MÉSZÁROS, 2006).

De forma breve, sobre a primeira observação, *caráter fragmentário da obra em questão*, o leitor dos Manuscritos precisa ter consciência do caráter fragmentário da obra, pois esta compunha anotações dos estudos de Marx sobre a economia política e outros temas. Muitos os temas nos manuscritos serão incorporados nas obras para publicação nos anos que se seguem. O próprio Mészáros procura ressaltar em todo o livro o caráter de *síntese in status nascendi* ao qual a obra se enquadra. Nas palavras do autor:

Como é sabido, trata-se de obra incompleta. Os Manuscritos de 1844 abrangem desde extratos de livros, com breves comentários sobre eles, notas e reflexões frouxamente encadeadas sobre vários tópicos, e até uma avaliação mais ou menos completa da filosofia hegeliana. Embora seja relativamente fácil compreender os textos e trechos em si, não é de modo algum fácil ver o fio condutor do trabalho como um todo. Os trechos isolados, porém, só adquirem sua plena significação em relação ao sentido geral da obra como um todo. (MÉSZÁROS, 2006, p. 18)

Além do mais, como sugere Frederico (2009) de que por ser um manuscrito, texto que o autor não publicou (os manuscritos foram publicados apenas em 1932), e que o tempo fez

perder muitas das suas páginas, sobrando assim fragmentos incompletos, isso já prenuncia as dificuldades enfrentadas em sua leitura, quais sejam:

O começo conhecido nem sempre é o começo estabelecido pelo autor; páginas decisivas se perderam; a leitura, por causa disso, é muitas vezes interrompida bruscamente e o leitor convidado a saltar para outros assuntos; e como não há uma conclusão, um ponto final definitivo encerrando a discussão, aumenta a incerteza perante o provável desfecho da inconclusa e escorregadia obra [...] (FREDERICO, 2009, p. 13)

Outro ponto de dificuldades para os leitores dos Manuscritos que não são alemães é a *linguagem e a terminologia* utilizadas nas traduções. Essa dificuldade se divide em três:

a) Complexidades de tradução.

A língua alemã é de uma riqueza semântica impar. Uma mesma palavra pode trazer em si sentidos totalmente opostos. Um exemplo dado por Mészáros (2006) é o da palavra *Aufhebung*, que pode ser traduzida por “transcendência”, “supressão”, “preservação” e “superação (ou substituição)” pela elevação a um nível superior (MÉSZÁROS, 2006, p. 18). Para os tradutores, fica a dificuldade de qual melhor terminologia usar, tendendo a escolher apenas uma.

b) Inadequação da estrutura conceitual.

Neste ponto Mészáros (2006) nos adverte acerca da estrutura conceitual a qual se estuda a teoria da alienação presente nos Manuscritos. Qualquer leitor de Marx deve recordar que toda sua obra é atravessada pelo método dialético, este, capaz da síntese de noções opostas e até mesmo contraditórias. É neste sentido que para o autor, a “transcendência”, por exemplo, não é uma transferência para outra esfera, nem é apenas uma supressão ou ‘preservação’, mas ambas as coisas ao mesmo tempo.” (MÉSZÁROS, 2006, p. 19). De acordo com o autor:

Nas últimas décadas, a filosofia foi dominada – em especial nos países de língua inglesa – por várias tendências de empirismo e formalismo positivistas. Em consequência, números conceitos usados por Marx – talvez a maioria dos seus conceitos fundamentais – devem parecer estranhos, ou talvez mesmo totalmente sem significado ou autocontraditórios, a todos os que estão habituados à enganosa “simplicidade do senso comum” do empirismo positivista, ou à clareza esquemática e linear do formalismo filosófico, ou ambos. [...] (MÉSZÁROS, 2006, p. 18)

c) Ambiguidade terminológica.

Marx usou muitos conceitos terminológicos pertencentes a filósofos dos quais procurou estabelecer diálogos, ao longo de sua formação, como por exemplo, Feuerbach. Disto resulta que algumas terminologias são usadas, contudo o sentido que portam em si é outro. Basta estudarmos sobre o sentido do termo “essência humana” para vermos que Marx rejeita uma essência humana (em 18 Brumário, obra de 1851-1852, Marx nos lembra que os homens fazem a própria história, mesmo que seja em circunstâncias que não escolheram), porém, ele “manteve a expressão transformando o seu significado original até torná-la irreconhecível” (MÉSZÁROS, 2006, p. 19). A essência humana em Marx, portanto, não é algo imutável, como faz crer a tradição filosófica até então, mas sim, algo identificável na relação dialética entre essência e fenômeno⁷.

Após os três casos acima apontados, todos referentes à barreira que se apresenta na forma de linguagem e terminologia, outro impeditivo de uma compreensão aprofundada dos escritos presentes nos Manuscritos de 1844 corresponde à *complexidade do conceito-chave da obra: a alienação*.

O conceito de Alienação é complexo em Marx. engloba desde o fato do “homem está alienado da natureza” a estar “alienado do próprio homem”, passando pela alienação de si mesmo (de sua própria atividade) de eu ser genérico (de seu ser como membro da espécie humana) (MÉSZÁROS, 2006, p. 20). A alienação se encontra na base da forma de reprodução social, portanto, do trabalho. Se o trabalho escravo funda a sociedade escravista, o trabalho do servo funda a sociedade feudal, o trabalho assalariado funda a sociedade capitalista. Para entender o conceito de alienação, logo se faz necessário compreender as relações de trabalho na sociedade capitalista. É a partir da sociedade capitalista que a alienação adquirirá sua forma mais plena, graças a sociedade de classes, com sua separação entre detentores dos meios de produção e detentores apenas da força de trabalho.

Por fim a *estrutura dos Manuscritos de 1844*. Sobre este ponto basta nos reportarmos ao anteriormente exposto no qual esta obra é uma *síntese in status nascendi* e o fundamento de uma nova ciência humana revolucionária, em conformidade com a radicalidade almejada na Crítica da Filosofia do Direito de Hegel – Introdução, obra esta do mesmo ano dos Manuscritos. Como bem esclarece Mézáros (2010, p. 21):

Marx esboça nos Manuscritos de Paris as principais características de uma nova “ciência humana” revolucionária – por ela contraposta à universalidade alienada da filosofia abstrata, de um lado, e à fragmentação e à parcialidade

⁷ Para mais informações sobre a relação entre essência e fenômeno em Marx, ver artigo de Lessa: *Lukács e a ontologia: uma introdução*, disponível em <http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/05/out5_06.pdf>

reificadas da “ciência natural”, de outro – do ponto de vista de uma grande idéia sintetizadora: “a alienação do trabalho” como a raiz causal de todo o complexo de alienações. (MÉSZÁROS, 2006, p. 21)

Estas quatro observações são fundamentais para se “navegar” atenciosamente entre as idéias de um pensador que ainda se encontrava em início da sua compreensão da sociedade civil burguesa de sua época, desenvolvendo os alicerces para seus trabalhos mais maduros, como, por exemplo, *O Capital*.

CONCLUSÃO

Ler Marx não é fácil, afirmemos novamente. Mesmo muito de seus discípulos interpretaram o mesmo de forma errada, levando Marx a exclamar, quando conversava com o seu genro Paul Lafargue, “Não sou Marxista!”.

Esse pequeno texto procurou apenas reafirmar as observações sobre as dificuldades em estudar Marx feita por um dos grandes estudiosos de seu pensamento, István Mészáros. As observações foram feitas encima de uma das obras mais ricas em teses de Marx, Os Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844.

Entretanto, as dificuldades ainda são maiores, principalmente quando se estende a discussão para a questão de método, teoria do valor trabalho e a perspectiva da revolução e do papel do proletário como sujeito revolucionário, por exemplo.

Depois de se “retalhar” o pensamento de Marx para servir a interesses particulares e diversos, tanto na crítica como no louvor, voltar aos textos marxianos é de fundamental importância para se entender o pensamento daquele autor. Mas para tanto, deve-se lê-lo com cuidado, atenciosamente, dando espaço, principalmente, para a contextualização e reflexão de sua obra.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CHASIN, J. **Marx**: estatuto ontológico e resolução metodológica. São Paulo: Boitempo, 2009.

IANNI, Octávio. **A construção da categoria**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, número especial, p. 397-416, abr2011 - ISSN: 1676-2584.

FREDERICO, Celso. **O jovem Marx**: 1843-1844 as origens da ontologia do ser social. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LEIVAS, Cláudio R. C. **A ideia de Deus como efetividade do mundo**: A divinização do Estado em Hegel. In: ROSENFELD, Denis Lerrer (org.). **Hegel, a moralidade e a religião**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **O Capital**. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. Vol I, Ed. Abril Cultural, São Paulo. Tomo I.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da Alienação em Marx**. Tradução Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006.